

13 - CONTRIBUIÇÕES E BENEFÍCIOS DA DANÇA NO DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR

LACERDA, Graciela Dedé. [1: gracielalacerda@hotmail.com.br](mailto:1:gracielalacerda@hotmail.com.br)
BRANDÃO, Andréia Cavalheiro de Santana 2; andreia.santana@unigran.br
ESCOBAR, Felipe Barros 3; Felipe.barros@unigran.br

Faculdade Unigran Capital, curso de Educação Física – licenciatura, Campo Grande – MS Brasil.

doi:10.16887/91.a1.13

1 INTRODUÇÃO

Este estudo teve por finalidade abordar sobre a importância da prática da Dança nas escolas e como a mesma pode vir a contribuir e beneficiar no desenvolvimento de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), não somente nas aulas de Educação Física, mas em um contexto geral no âmbito escolar.

A Dança pode ser uma grande aliada no processo de desenvolvimento de uma criança, por meio dela podemos buscar várias formas de aprendizagem, comunicação e interação social entre alunos e professores, além de ser uma forma prazerosa tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

Os alunos com TEA apresentam serias dificuldades no seu processo de desenvolvimento, incluindo dificuldades de interação social e comunicação verbal e não verbal (PARNOF; SANTOS, 2016). Os alunos com TEA possuem dificuldades para lidar com o cotidiano, tem dificuldades para estudar, aprender algumas atividades que são essenciais para o seu desenvolvimento

Muito se vê a prática da dança em clubes e academias, mas muito pouco vemos o ensino no ambiente escolar. Muito se sabe de seus benefícios para quem a pratica, em seu aspecto físico, cognitivo e social. Sabendo de todos os seus benefícios para o corpo, porque não a usar como forma de interação e inclusão social dentro da escola (SOUZA *et al.*, 2010).

A escola destaca-se como um grande espaço que favorece o desenvolvimento infantil, tanto pela oportunidade de convivência com outras crianças, quanto pelo papel do professor, cujas mediações irão favorecer a aquisição de diferentes habilidades nas crianças (LEMONS *et al.*, 2014).

Para a prática da Dança não existe nenhuma regra a ser seguida e muito menos um estado psíquico, todo indivíduo independente de sua cor, sexo, idade, porte físico entre outras qualidades poderá desfrutar dos prazeres que a dança traz para o corpo, mente e alma.

Cabe ao profissional de Educação Física saber explorar essa parte de sua disciplina e assim alcançar diversos resultados com a inserção da Dança em suas aulas, aplicando no desenvolvimento de seus alunos, permitindo-os adquirir novas experiências e conhecimentos sobre si, utilizando seu próprio corpo para interagir um com o outro.

Sendo assim este artigo teve como objetivo identificar as possibilidades e benefícios que a dança traz para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social de alunos com TEA no âmbito escolar.

2 BREVE ABORDAGEM SOBRE A DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ao se analisar a vida de qualquer civilização, desde as mais remotas até a dos dias atuais, verificam-se entre as expressões culturais atividades como jogos, desportos e dança. Para se expressar e manifestar suas emoções o homem recorreu ao movimento. A dança e a sociedade estão sempre imbricadas, não tem como falar sobre a dança sem percorrer a grandeza de sua trajetória ao longo dos anos, muito menos de deixar de falar do homem, da sua corporeidade e necessidade. Já que a dança é parte integral desse processo, é de suma importância resgatar as dimensões desse saber, devido a inseparabilidade na relação desta com a história humana. Era por meio da expressividade que o homem primitivo demonstrava sua relação consigo próprio, com o outro e com a natureza. Foi esta a forma encontrada para sua manifestação social e que serviu para auxiliá-lo a afirmar-se como membro da sociedade (GARIBA; FRAZONI, 2007).

Gariba e Franzoni (2007) relata ainda que, a dança tinha características lúdicas e ritualísticas, nas quais ocorriam manifestações de alegria pela caça e pesca ou dramatizações pelos nascimentos e funerais. Percebia-se também, que os acontecimentos importantes e significativos, na sociedade antiga, ocorriam com uma constante participação corporal.

A dança sempre esteve envolvida com a forma de manifestação das vivências no mundo e de todas as influências que está apresentava. No evoluir de suas formas a dança foi se misturando e se diversificando em muitas formas de expressão e interpretação. Pode-se dizer então que a dança é uma arte do movimento, e a partir dela o homem pode demonstrar papéis sociais e demonstrar relações dentro de uma sociedade seja ela qual for (VERDERI, 2009, p. 25-37).

Utilizar a Dança com enfoque educacional é de suma importância para o desenvolvimento físico, mental, afetivo e social do ser humano. Através dela a criança tem a oportunidade de desenvolver suas capacidades expressivas e criadora. A Dança pode contribuir para a formação da criança na medida em que a ação educativa criadora ainda estiver centrada no aluno. Desta forma a dança participara de todo contexto escolar e não ficará somente nos festejos escolares, atuando ativamente na interdisciplinaridade, na qual terá sentido profundo e desempenhara papel integrador plural e interdisciplinar no processo formal e não formal da educação (SOUZA *et al.*, 2010).

Na área de Educação Física, a dança consiste em um dos conteúdos do currículo desta disciplina e está incluída no bloco das Atividades Rítmicas e Expressivas, e sua principal característica é a expressão corporal. Há uma diversidade em sua aprendizagem, em especial, o conhecimento de culturas rítmicas de todos os povos, contribuindo assim para formação cultural e social do aluno, permitindo assim discussões que irá incluir a valorização da identidade do sujeito (BRASIL, 1998).

Como componente curricular, a Educação Física com base em atividades motoras pedagógicas, torna-se um meio de produção e aprendizagem da "criança com deficiência", inclusive as crianças e os adolescentes autistas, ela favorece o desempenho educacional e motor da criança, apresenta seu interesse básico no movimento humano, mais especificamente se preocupando com o relacionamento entre o desenvolvimento motor e outras áreas da educação, isto é, um relacionamento físico com o mental e o emocional (BEZERRA, 2012).

A Educação Física é uma área de conhecimento com função de organizar e estruturar pedagogicamente o ensino a ser ministrado, independente da linha de pesquisa que o professor se guia seja ela pela cultura corporal, de movimento ou corporal de movimento. Nota-se então, que a Educação Física tem um exímio papel dentro da escola, pois trabalha o ser humano em seu aspecto tanto físico como cognitivo, analisa o movimento humano e sua capacidade de movimentação (SANTOS, 2017).

O profissional da Educação Física tem como papel, promover e também observar os corpos em movimento e possibilitar que seus alunos participem da construção do conhecimento de si e de seus colegas, desenvolvendo atividades que levem uma ação educativa e libertadora, fazendo com que o aluno se descubra como sujeito de sua própria história e não como um objeto dela (VERDERI, 2009, p. 48-49).

Para Marques (1999), a escola não tem a função de formar artistas ou mesmo danças sensacionais, mas sim formar pessoas livres e capazes de se expressarem em atitudes criativas e conscientes ao fluxo natural do movimento humano. Por meio de um trabalho consciente de dança, a escola terá condições de formar indivíduos com conhecimento de suas possibilidades corporal-expressivas. A dança é importante para a formação humana, na medida em que possibilita experiências dos alunos, bem como proporciona novos olhares para o

mundo envolvendo a sensibilização e conscientização de valores, atitudes e ações cotidianas na sociedade (GARIBA; FRAZONI, 2007).

Dançar não é apenas coreografar, cabe ao profissional da área saber explorar este conteúdo, compreende-lo e entender o seu real significado. Conforme cita (SILVA *et al.*, 2012) "a dança é um conteúdo fundamental para ser tratado na escola. Uma das formas na prática mais adequadas e divertidas para ensinar todo o potencial de expressão do corpo".

Uma proposta de dança escolar, resume-se em buscar uma dança de forma livre do academicismo, mostrando assim que a dança não está restrita apenas ao aprendizado de técnicas e estilo, ela vai bem além de uma simples classificação (GARIBA; FRAZONI, 2007).

2.1 Benefícios da Dança

Segundo Silva *et al.* (2012), o movimento que se vivencia ao dançar gera informações que reforçam a ideia de orientação psicodinâmica que predomina no movimento inconsciente beneficiando a pessoa no entendimento das emoções que se relacionam com seu estado de saúde atual e também pode ser vista como uma expressão que representa diversos aspectos da vida humana, considerada como uma linguagem social que transmite sentimento, emoções vividas de religião, trabalhos, hábitos e costumes.

Ao praticar a dança nos sentimos livres para nos expressarmos: a Dança é um exercício de pura emoção onde as crianças expressam o que sentem e como se sentem através dos movimentos realizados e sob a influência do ritmo no qual está exposto, assim a criança se situa, avança, se solta, se aproxima, se afasta, aprende e compreende as relações que precisa estabelecer para o desenvolvimento do seu pensamento (MALLMANN; BARRETO, 2012).

De acordo com Aleixo e Ruiz (2008, p 23 apud FAHLBUSCH, 1990.):

A dança é uma forma de integrar o corpo, o pensamento, a criatividade de improvisação, a expressão e a comunicação do ser humano em relação ao mundo que o cerca. A fonte da linguagem por meio da expressão corporal é uma propriedade verdadeira que o homem dispõe, ele desenvolve sua cultura e sua história pelo corpo.

Mallmann e Barreto (2012) diz: é pela dança que se inicia o conhecimento dos processos internos, estes estimulam o desenvolvimento, a compreensão da essência do mundo, o existir e o ver melhor. A dança dá espaço para o "EU" e para o "NÓS" na formação da criança.

A diversidade de ritmo possibilita a ampliação do repertório de movimento que traz em sua essência a qualidade de estimular a importância neuropsicomotor, da socialização, técnicas de relaxamento, toques e massagens. Através da dança é possível expor alegrias, tristezas e euforias contida em seu consciente, correção de postura, equilíbrio e tirar a agressividade. A dança é uma ajuda, capaz de limpar nossos temores e angústias. Ao ensinar a dança estimulamos a capacidade de expressão corporal, de criar, ou seja, brincar com o próprio corpo (ALEIXO; RUIZ, 2008).

Conforme cita os autores Parnof e Santos (2016), a dança antigamente era cultural e se caracterizava por comemorar eventos, estabelecer contato religioso e espiritual, estabelecer contato entre comunidades, era mais utilizada como lazer e entretenimento. Sendo a dança e o movimento considerados, um meio de expressão criativa do "eu", como forma de intervenção terapêutica, desta forma a dança como meio expressivo passa a se chamar de dança terapia, por promover aprendizado e revelação do inconsciente através do movimento, sendo possível observar, interpretar e conduzir o comportamento, facilitando mudanças internas.

2.2 Histórico do Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) já foi considerado por alguns estudiosos como uma psicose infantil. Porem por volta dos anos 90 após estudos realizados por Kanner, o TEA ficou entendido por uma incapacidade com que a criança tem de se relacionar e de expressar com o meio em que vive (OLIVEIRA, 2009).

Quem primeiro utilizou o termo autista foi o psiquiatra austríaco Leo Kanner no ano de 1943, que o nomeou como sendo: Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. O Autismo é uma síndrome bem difícil de ser diagnosticada por ter várias variações, níveis, gravidades e manifestações bem diferenciadas, por este motivo pode ser confundido com outros tipos de transtornos. O Autismo é um transtorno que expõe uma fragilidade psíquica e orgânica capaz de confundir o olhar clínico mais experiente (RIBEIRO, 2013). O TEA é uma condição que tem início precoce e cujas dificuldades tendem a comprometer o desenvolvimento do indivíduo ao longo de sua vida, ocorrendo uma grande variabilidade na intensidade e forma de expressão e sintomatologia, nas áreas que definem o seu diagnóstico. Atualmente compreende-se o TEA como uma síndrome comportamental complexa que possui etiologias múltiplas combinando fatores genéticos e ambientais (ZANON; BECKES, 2014).

O conceito histórico do autismo passou por diversas modificações ao longo do tempo. Nos anos de 1906 Pulule colocou o autismo na literatura da psiquiatria após a análise de pacientes que possuíam diagnósticos de demência precoce. Já no ano seguinte em 1907 Eugene Euler criou o termo Autista com o significado de "o si mesmo", este termo foi criado para definir o comportamento do autista onde consiste em seu mundo interior (OLIVEIRA, 2009).

Vários estudos já foram realizados desde 1911 para poder caracterizar o TEA, atualmente temos a seguinte definição: o TEA pode ser considerado uma desordem no desenvolvimento com sinais presentes desde o nascimento e que se manifesta por volta dos 3 anos de idade, com características e sintomas que variam de leves a graves, se estendendo assim por toda a vida. É mais comum ver casos de Autismo em menino do que em meninas, quando acomete as meninas geralmente são de formas mais graves (PARNOF; SANTOS, 2016).

O TEA também se caracteriza por respostas atípicas a estímulos auditivos ou visuais e dificuldades no desenvolvimento da linguagem oral e corpórea, algumas vezes expressam-se por ecolalia, uso incorreto de pronomes, estrutura gramatical imatura e dificuldade de utilizar termos abstratos. Há por parte dos autistas uma certa resistência no estabelecimento de relacionamentos interpessoais, podendo dispensar ou não ter nenhum interesse pelo contato humano, pode aparecer choro sem controle, risos se causa aparente e até mesmo movimentos corporais repetitivos, e é muito comum não sentirem medo algum quando expostos a situações de perigo. Com relação a capacidade de atenção compartilhada, pensamentos abstratos, uso da imaginação e simbolização encontram-se significativamente prejudicados. Já a inteligência pode variar, isso irá depender da gravidade dos sintomas, em alguns casos podem apresentar atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor, outros podem apresentar inteligência dentro do esperado para a idade cronológica e também podem apresentar inteligência acima da média (ALEIXO; RUIZ, 2008; PARNOF; SANTOS, 2016).

Parnof e Santos (2016), acrescentam que as características do autismo formam uma tríade caracterizando-se com: severo prejuízo social, dificuldade de comunicação e comportamentos repetitivos. Pode ser considerado uma desordem comportamental e emocional relacionado com algum tipo de comprometimento orgânico cerebral, sem origem psicogênica. Menciona ainda, características como, diminuição no ritmo do desenvolvimento psiconeurológico, social e linguístico, presença de reações atípicas a sensação do ouvir, ver, tocar, sentir, equilibrar e degustar. A relação interpessoal realizada de maneira não usual, com hipótese de que houvesse comprometimento orgânico no sistema nervoso central.

2.3 Diagnóstico

Segundo os autores Mosquera e Teixeira (2014 p. 106, apud MACHADO *et al.*, 2003) e Baron e Cohen (1990), o diagnóstico para o TEA continua sendo exclusivamente clínico, mesmo com todo o avanço científico, sua classificação defende a tese de que o autismo depende de alterações comportamentais específicas presentes no autista.

De acordo com os autores Parnof e Santos (2016) e Boato *et al.* (2014), o diagnóstico do TEA somente é possível a partir dos 3 anos de idade, tendo como principais sintomas, problemas com a linguagem, problemas de interação social e problemas no repertório de comportamentos restritos e repetitivos. Primeiro passo surge através do diagnóstico, sendo que o psicólogo somente irá ter precisão através

de uma adequada avaliação psicológica. O diagnóstico precoce é importante para que ocorra intervenção terapêutica desde a primeira infância.

Sendo assim continua sendo essencial os exames laboratoriais para completar o diagnóstico do TEA, pois o processo é difícil e bastante arriscado principalmente quando não aparece sinais suficientes para identificação do autismo, desta forma, apenas o exame clínico não será possível identificar o diagnóstico do autismo. Para a equipe multidisciplinar planejar e atender uma criança autista fica mais difícil sem o diagnóstico correto (BARON; COHEN, 1990; MOSQUERA; TEIXEIRA, 2014 p. 106 apud MACHADO *et al.*, 2003).

2.4 Dança e Autismo

Sendo a comunicação uma das grandes áreas afetadas nas crianças com autismo, chegando muitas delas a não atingir nunca a comunicação verbal, pensamos que através da Dança e do Movimento Expressivo pode-se obter resultados positivos (OLIVEIRA, 2009).

Segundo Parnof; Santos (2016), as principais características e benefícios da dança terapia no tratamento de pessoas com TEA, estão relacionados ao aumento da capacidade de socialização e comunicação, autoconhecimento corporal e estímulo da autoconsciência pessoal através da expressividade do movimento, proporcionando assim confiança aos autistas para assumirem atitudes mais positivas, desenvolvendo ainda a auto estima.

Parnof e Santos (2016), afirmam ainda que a dança terapia pode estimular o desenvolvimento global do indivíduo com TEA, possibilitando o aumento da linguagem verbal e não verbal, através de uma dinâmica lúdica, pois permite um treino para participação interpessoal, desenvolvendo habilidade de interação social. Proporciona avanços quanto a, diminuição da ansiedade, maior envolvimento com pares através integração social, apresenta maior capacidade não verbal através do contato visual, expressões faciais, utilização de gestos, imitação, maior tolerância sensorial, contato físico e melhora no contato interpessoal. Os resultados serão mais eficazes se realizado em grupo, sendo possível assim estimular o sujeito com TEA a desenvolver suas habilidades de contato visual, tolerância sonora e experiência de tomar iniciativa ao contato com o outro, possibilitando trocas através da linguagem não verbal expressando sentimentos, afastando medos e descobrindo seu próprio corpo.

2.5 Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista

Os autores Togashi; Walter (2016), defendem a importância da inclusão dos alunos com autismo no contexto regular de ensino, principalmente no que se refere a socialização destes, onde se torna possível proporcionar as crianças com autismo a oportunidade de conviver com outras crianças da mesma idade.

Para reforçar a ideia do autor acima, podemos citar Favoretto; Lamônica (2014) onde dizem que inclusão de alunos com qualquer tipo de deficiência nas escolas já é uma obrigatoriedade.

[...]A inclusão de pessoas com deficiências ou necessidades educativas especiais é definida por meio da Constituição Brasileira e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que reconhecem o direito da educação para todos, propondo que o ensino seja baseado nos princípios de igualdade de condições de acesso, permanência e aprendizagem para todos os alunos na escola. Portanto, a educação deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, assegurando aos alunos, currículo, métodos, técnicas, recursos educativos específicos e tecnologias assistivas para atender as necessidades das crianças. A inserção de alunos com TEA nas escolas, embora seja uma prática difícil, é realizável e possível. O contexto escolar irá oportunizar o contato social, favorecendo o desenvolvimento da criança autista, assim como das demais crianças, que na medida, aprendem a conviver com as diferenças (LEMOS *et al.*, 2014).

3 METODOLOGIA

Este artigo foi realizado a partir de um estudo exploratório com abordagem qualitativa. A coleta de dados ocorreu entre os meses de abril/junho do ano de 2018, em uma escola privada especializada pertencente a uma organização não governamental na cidade de Campo Grande/MS.

A pesquisa foi formalizada após a entrega de uma carta de apresentação (ANEXO I) e carta de autorização à direção (ANEXO II), um ofício de solicitação de autorização da instituição (ANEXO III) e o termo de consentimento livre esclarecido dos professores participantes (TCLE ANEXO IV) em duas vias.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado elaborado pelo próprio pesquisador (APÊNDICE I), contendo oito perguntas, sendo quatro delas objetivas e quatro abertas, aplicada com duas professoras com tempo de atuação entre 12 e 15 anos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados relativos ao estudo são seguidamente apresentados, abordando-se os mais relevantes para esta investigação, sendo a sua discussão realizada no decorrer da apresentação dos resultados. Expõem-se os dados relativos a cada uma das questões do questionário. O questionário aplicado conteve oito perguntas relacionadas ao tema que foi respondido por duas professoras, com um vasto tempo de experiência e atuação no trabalho da dança com alunos TEA, que se dispuseram a participar da pesquisa respondendo todas as perguntas que serão analisadas a seguir.

Os alunos com o Transtorno do Espectro Autista exibem dificuldades de socialização, comunicação entre outras que são características deste transtorno. A dança por sua vez exhibe inúmeros benefícios para quem a pratica que pode auxiliar os autistas no seu processo de desenvolvimento, trazendo assim melhoria em todos os aspectos de sua vida.

Na primeira pergunta onde se trata da participação dos professores em cursos de capacitação para a inclusão de alunos autistas, a professora A informa que já participou de tais cursos, já a professora B informa não ter curso de capacitação para trabalhar com autistas. Segundo os autores Favoretto e Lamônica (2014), é de extrema relevância que o professor seja capacitado para atender a demanda de seus alunos no que tange a aprendizagem dos mesmos, sendo esse responsável pela transmissão de seus conhecimentos.

Na segunda pergunta foi questionado aos professores sobre as áreas em que a dança contribui e estimula seus alunos autistas, para responder a essa questão objetiva foi colocado sete opções para que pudesse ser escolhida, a resposta dos professores A e B foram unânimes, pois todas as opções em ambos os questionários foram marcadas pelos professores sendo elas: a comunicação, aprendizagem, relações interpessoais, comportamento, desenvolvimento neuropsicomotor, raciocínio e autonomia. Para afirmar essas escolhas podemos utilizar o pensamento dos autores Mallmam e Barreto (2012) onde dizem que a Dança é um exercício de pura emoção onde as crianças expressam o que sentem e como se sentem através dos movimentos realizados e sob a influência do ritmo no qual está exposto, assim a criança se situa, avança, se solta, se aproxima, se afasta e aprende e compreender as relações que precisa estabelecer para o desenvolvimento do seu pensamento

Na terceira pergunta foi questionado se a dança auxilia o aluno autista a participar melhor de um contexto social, foi solicitado que os professores justificassem sua resposta conforme sua escolha entre SIM ou NÃO, ambas as professoras responderam à pergunta com "SIM". A professora A justificou o seu sim com "Ajuda no estabelecimento de vínculos com o grupo".

Já a professora B justificou o seu sim com "Importante desenvolvimento da concentração e melhor interação do aluno com os demais colegas". Ambas as respostas podem ser afirmadas pela fala do autor Verderi (2009, p. 25-37), onde diz que, a dança é uma arte do movimento, e a partir dela o homem pode demonstrar papéis sociais e demonstrar relações dentro de uma sociedade seja ela qual for.

Na quarta pergunta foi questionado se as relações estabelecidas pela dança podem beneficiar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos com autismo. A resposta das professoras para esta pergunta também foi unanime, ambas responderam com um

SIM, afirmando o enunciado da pergunta.

Na quinta pergunta foi solicitado que os professores descrevessem qual foi o maior desafio que já enfrentaram ou que ainda enfrentam no processo de inclusão de seus alunos com TEA. A professora A descreveu em sua resposta “*Socializar, trabalhar ritmos e coordenação, atenção*”. A professora B descreveu “*tempo de resposta aos estímulos e estabelecimento de vínculo*”. Pode-se justificar as dificuldades encontradas pelas professoras com o pensamento dos autores Parnof e Santos (2016) e Aleixo e Ruiz (2008) que descrevem nas características do autismo a resistência no estabelecimento de relacionamentos interpessoais e apresentam também dificuldades com relação a capacidade de atenção.

Na sexta pergunta deste questionário, foi perguntado para as professoras participantes da pesquisa como que os seus alunos se sentiam após participarem de suas aulas de dança, esta questão continha três opções de escolha, na resposta da professora A sua escolha foi que seus alunos se sentem mais alegres após participarem das aulas de dança, já na escolha da professora B para ela os seus alunos se sentem mais motivados após a participação nas aulas.

Na sétima pergunta é questionado às professoras de que forma a dança está contribuindo para o desenvolvimento de seus alunos com TEA no ambiente escolar em um contexto geral. A professora A respondeu da seguinte forma “*Demonstraram mais satisfação em participar das aulas, mais autonomia e melhor desenvolvimento motor*”. Já a professora B respondeu “*A interação com equipe de profissionais e com os colegas*”. Na oitava pergunta já finalizando o nosso questionário foi solicitado que as professoras descrevessem com sua opinião quais medidas poderiam ser tomadas para que pudesse melhorar o atendimento e a inclusão de seus alunos com TEA no local onde trabalha. A professora A diz “*A escola já oferece estudos relacionados*”. A professora B descreveu “*As medidas são tomadas diariamente com a sensibilização e apoio da equipe pedagógica, psicólogos e terapeutas ocupacionais, fazem formação continuada, onde apontam possibilidades e alternativas para sanar quaisquer dificuldades*”.

Para afirmar nas respostas colocadas pelas professoras participantes desta pesquisa nas questões 4, 6 e 7, cito Parnof e Santos (2016), com a sua afirmação sobre a dança terapia aplicada a indivíduos com TEA quando dizem que: as principais características e benefícios da dança terapia estão relacionados ao aumento da capacidade de socialização e comunicação, autoconhecimento corporal e estímulo da autoconsciência pessoal através da expressividade do movimento, proporcionando assim confiança aos autistas para assumirem atitudes mais positivas, desenvolvendo ainda a auto estima.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo ficou compreendido que a Dança pode contribuir e intervir para melhora nos aspectos cognitivos, motor e sócio afetivo dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Percebe-se que as aulas de dança são de grande importância para o desenvolvimento de crianças com TEA, pois a partir dela as crianças demonstram maior satisfação e mais confiança em si, além de aliviar tensões, angústias, frustrações, agressividade, levando a uma melhora da autoafirmação, do relacionamento social e gerando segurança.

A educação física é capaz de trazer melhorias às crianças com TEA, possui um papel fundamental dentro da escola por trabalhar o ser humano em seu aspecto físico e cognitivo. Para as pessoas com TEA realizar atividades físicas é de exímio valor, pois melhora suas capacidades de interação em grupo, e também trabalha nos cuidados com o corpo e a mente.

Com esta pesquisa os objetivos foram alcançados de maneira satisfatória. Diante dos resultados, fica compreendido que a dança como Recurso Adaptado, aplicada no Transtorno do Espectro Autista ou Asperger alcança as questões sócio afetivas, perceptivas e cognitivas, além de gerar flexibilidade. De acordo com a vivência dos entrevistados a prática da dança nas aulas é capaz de auxiliar o autista no desenvolvimento das relações sociais, melhorando o vínculo e a interação com os colegas.

É importante salientar que cada professor de educação Física deve procurar se capacitar e ampliar seus conhecimentos sobre a dança e de como poderá ser utilizada com alunos autistas em busca de um melhor desenvolvimento em todos os aspectos de sua vida.

O assunto é extenso, engloba muitos acontecimentos e não se esgota por aqui. Outros pontos de vista poderão ser abordados, como a utilização da natação, da ginástica rítmica ou a ginástica olímpica como forma de Recurso Adaptado para a Inserção Social.

A proposta é que sejam criados programas, não só para autistas, como para indivíduos com outras patologias, como: a obesidade, a paralisia cerebral, a Síndrome de Down, os paraplégicos, tetraplégicos, amputados, doentes mentais, distúrbios de aprendizagem, geriatria, pediatria, leucemia e psiquiátricos.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, G; RUIZ, M. C. **A Dança Como Forma de Inserção Social aos Portadores da Síndrome do Autismo-Asperger: relato de caso**. Monografia apresentada ao Centro Universitário Católica Salesiano *Auxilium* UNISALESIANO, Lins-SP, para graduação em Educação Física, 2008. Disponível em: <http://www.unisaesiano.edu.br/biblioteca/monografia/46259.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

BOATO, E. M. et al. Expressão Corporal/Dança para Autistas: um estudo de caso. **Rev. Pensa prá.** v. 17, n. 1. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/17904>. Acesso em 16 de fevereiro de 2018 as 5:30.

BEZERRA, L. T. Educação inclusiva e autismo: a educação física como possibilidade educacional. **Rev. Ed. Realize**. Anais Conaef, v. 1, n.1. 2012. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/conaef/trabalhos/Comunicacao_206.pdf. Acesso em 16 de fevereiro de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FAVORETTO, N. C.; LAMÔNICA, D. A. C. Conhecimentos e Necessidades dos Professores em Relação aos Transtornos do Espectro Autístico. **Rev. bras. ed. esp.**, v. 20, n. 1, Marília, Jan./Mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382014000100008. Acesso em: 13 de fevereiro de 2018 as 12:20.

GARIBA, C. M. S., FRANZONI, A. Dança escolar: uma possibilidade na educação. **Rev. Movimento**, capa, v.13, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3553>. Acesso em 31 de março as 20:45.

LEMOS, E. L. M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; RAMOS, Cibele S. A. Inclusão de Crianças Autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Rev. bras. ed.**, v. 20, pp. 117 a 130. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382014000100009. Acesso em 15 de fevereiro as 13:45.

MOSQUERA, FF. C; TEIXEIRA, M. M. R. O diagnóstico do autismo e a construção da linguagem no ensino da arte inclusivo. *Revista Incantare*, v. 5, n. 1, julho, 2014. Disponível: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/173/174>. Acesso em 15 de março de 2018 as 23:50.

MALLMANN, M. L. C., BARRETO, S. J. **A dança e seus efeitos no desenvolvimento das inteligências múltiplas das crianças**. 2012 Disponível em: <http://www.corpoemcena.com.br/docs/ADancaEfeitosCrianças.pdf>. Acesso em 16 de fevereiro de 2018 as 06:55.

OLIVEIRA, M. I. **Tudo isso porque ser autista é, sem dúvida apenas uma forma de ser**. Tese de Doutorado, 2009. Disponível em: <https://www.repositorio.ufrj.br/bitstream>. Acesso em 31 de março de 2018, as 22:42.

PARNOF, D., SANTOS, O. C. S. Avaliação diagnóstica e os benefícios da dançaterapia na intervenção e tratamento do transtorno do espectro autista. *Rev. Conversatio*, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em:

<http://www.celer.com.br/revistaconversatio/edicao/01/artigo10.pdf>. Acesso em 02 de abril de 2018.

RIBEIRO, T. C. B. Um olhar sobre o autismo. *Rev. Entrelinhas*, v. 1, n. 1,

capa. 2013. Disponível em: <http://revistas.cesmac.edu.br/index.php/entrelinhas/article/view/211>. Acesso em 23 de março de 2018.

SOUZA, N. C. P., HUNGER, D. A. C. F., CARAMASCHI, S. A Dança na escola: um sério problema a ser resolvido. *Rev. ed. fis.* v. 16, n. 2, pp. 496-505. 2010. Disponível em: <https://alsafi.ead.unesp.br/handle/11449/8356>. Acesso em 16 de fevereiro de 2018 as 05:00.

SILVA, M. C. C. et al. A importância da dança nas aulas de educação física: revisão sistemática. *Rev. Mackenzie Educ. Fis. Esporte*, v. 11, n. 22, p. 38-

54. 2012. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/viewFile/3310/3788>. Acesso em 14 de fevereiro de 2018 as 19:00.

SANTOS, C. G. O transtorno do espectro autista em publicações nas revistas das áreas da educação física. *ENFOPE/12 FOPIE*, v. 10, n. 1, capa. 2017. Disponível em: eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/4622. Acesso em 23 de março de 2018.

RESUMO

A utilização da dança como forma de inclusão ainda é muito pouco vista no ambiente escolar, uma vez que os professores se utiliza da dança apenas em datas comemorativas e esquecem quão inúmeros são os benefícios desta para seus alunos. Este estudo teve como objetivo informar e identificar como a dança pode contribuir e beneficiar os alunos com Transtorno do Espectro Autista dentro do ambiente escolar trazendo melhorias em seus aspectos, afetivo, cognitivo e social. Para que este estudo pudesse ser realizado, foi feita uma pesquisa com abordagem qualitativa, professores responderam um questionário semiestruturado contendo oito perguntas em uma escola privada especializada no município de Campo Grande/MS. A discussão de dados foi realizada a partir da análise das respostas de cada professor. Os entrevistados foram unânimes em afirmar que a dança auxilia o autista no desenvolvimento das relações sociais, melhorando o vínculo e a interação com os colegas. Desta forma, concluiu-se que a dança trás para os alunos com autismo mais benefícios que se esperava, as professoras demonstraram obter informações sobre o tema e como trabalhar-lo com os seus alunos.

Palavras-chave: Dança. Transtorno do Espectro Autismo. Dança e Autismo.

ABSTRACT

The use of dance as a form of inclusion is still very little seen in the school environment, since teachers use dance only on commemorative dates and forget how numerous are the benefits of this for their students. This study aimed to inform and identify how dance can contribute and benefit students with Autistic Spectrum Disorder within the school environment bringing improvements in its aspects, affective, cognitive and social. In order for this study to be carried out, a survey was conducted with a qualitative approach, teachers answered a semi-structured questionnaire containing eight questions in a private school specialized in the city of Campo Grande / MS. The data discussion was carried out from the analysis of the responses of each teacher. The interviewees were unanimous in stating that dance helps the autistic in the development of social relations, improving the bond and interaction with colleagues. Thus, it was concluded that the dance brings more benefits to students with autism than expected, the teachers showed to obtain information on the theme and how to work it with their students.

Keywords: Autism spectrum disorder. Dance and Autism

RESUMEN

El uso de la danza como forma de inclusión es todavía muy poco visto en el entorno escolar, ya que los profesores utilizan la danza sólo en fechas conmemorativas y olvidan los numerosos beneficios que esto supone para sus alumnos. Este estudio tiene como objetivo informar e identificar cómo la danza puede contribuir y beneficiar a los estudiantes con Trastorno del Espectro Autista dentro del entorno escolar, aportando mejoras en sus aspectos afectivo, cognitivo y social. Para la realización de este estudio se realizó una encuesta con enfoque cualitativo, los profesores respondieron a un cuestionario semiestruturado que contenía ocho preguntas en un colegio privado especializado en la ciudad de Campo Grande / MS. La discusión de los datos se llevó a cabo a partir del análisis de las respuestas de cada profesor. Los entrevistados fueron unánimes al afirmar que la danza ayuda al autista en el desarrollo de las relaciones sociales, mejorando el vínculo y la interacción con los compañeros. Así, se concluyó que el baile trae más beneficios a los estudiantes con autismo de lo esperado, los profesores mostraron para obtener información sobre el tema y cómo trabajar con sus estudiantes.

Palabras clave: Trastorno del espectro autista. Danza y Autismo.

RÉSUMÉ

L'utilisation de la danse comme forme d'inclusion est encore très peu répandue dans le milieu scolaire, puisque les enseignants n'utilisent la danse qu'à des dates commémoratives et oublient combien les élèves en tirent de bénéfices. Cette étude avait pour but d'informer et d'identifier comment la danse peut contribuer et bénéficier aux élèves atteints de troubles du spectre autistique dans l'environnement scolaire en apportant des améliorations dans ses aspects affectifs, cognitifs et sociaux. Pour mener à bien cette étude, une enquête a été menée avec une approche qualitative, les enseignants ont répondu à un questionnaire semi-structuré contenant huit questions dans une école privée spécialisée dans la ville de Campo Grande / MS. La discussion sur les données a été réalisée à partir de l'analyse des réponses de chaque enseignant. Les personnes interrogées ont été unanimes à dire que la danse aide les autistes à développer des relations sociales, à améliorer le lien et l'interaction avec leurs collègues. Ainsi, il a été conclu que la danse apporte plus d'avantages aux élèves autistes que prévu, les enseignants ont montré pour obtenir des informations sur le thème et comment le travailler avec leurs élèves.

Mots-clés : Troubles du spectre autistique. Danse et autisme.